

**“Tchau, Pfizer!”: Uma análise  
discursiva de charges publicadas  
durante a Comissão Parlamentar de  
Inquérito da Covid-19**

**RESUMO:**

A disseminação de Covid-19 culminou em uma pandemia que acometeu o mundo nos aspectos sanitários, econômicos e sociopolíticos. No Brasil, a má gestão governamental, atrelada à negação de fatos científicos, dificultou a superação da doença e das crises. Em resposta às ações do governo, o congresso brasileiro se mobiliza constituindo uma CPI da pandemia. Nesse contexto, a mídia cumpre o seu papel de informar o povo por meio de diversos gêneros, entre eles a charge. Quanto ao *corpus*, tem-se que as charges analisadas foram divulgadas na versão digital da Folha de São Paulo em maio de 2021. O embasamento teórico parte da Teoria Semi linguística de Patrick Charaudeau, das propostas de Vale (2013) sobre o Discurso Humorístico e das considerações de Joly (2007) sobre o estrato imagético. Os resultados indicam para a perspectiva crítica das charges oportunizada pelo tom humorístico e sarcástico, com a relação entre elementos verbais e não verbais.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Teoria Semi linguística. Covid-19. Charge.

Camila Cardoso Barros

**“Bye, Pfizer!”: A discursive analysis  
about cartoons published during the  
Covid-19 Parliamentary Commission of  
Inquiry**

**ABSTRACT:**

The Covid-19 dissemination culminated in a pandemic that affected society in the sanitary, economical and sociopolitical aspects. In Brazil, the mismanagement, connected with the scientific facts' rejection hampered the disease and crises overcoming. In response to these actions, the Brazilian Congress mobilizes the creation of the pandemic PCI. In this context, the media fulfils its information dissemination role throughout genres, including the cartoons. In terms of corpus, the analyzed cartoons were published in the digital version of Folha de São Paulo, during May, 2021. The Theoretical Frame is based on the Semi linguistic Theory by Patrick Charaudeau, the propositions about the Humorous Discourse by Vale (2013) (VALE, 2013) and the considerations about the imaging stratum by Joly (2007). The results indicate the critical perspective in the cartoons enabled by the humorous and sarcastic tones, with the relation between verbal and nonverbal elements.

**Keywords:** Discourse Analysis. Semi linguistic Theory. Covid-19. Cartoon.

Rony Petterson Gomes do

Vale

## INTRODUÇÃO

Com a gênese do novo Coronavírus, o Sars-CoV-2, no final de 2019, em Wuhan, na China, ocorreu, em pouco tempo, a dispersão da doença ao redor do mundo. Caracterizada<sup>1</sup> por sintomas similares ao de uma gripe comum e outras enfermidades respiratórias, a Covid-19, ou melhor, a preocupação (e medo) com essa doença foi desencadeada pela facilidade de disseminação do vírus e pelo rápido agravamento do estado de saúde dos infectados – principalmente a pacientes do grupo de risco, como idosos, ou aqueles que já possuem alguma limitação de saúde. A transmissão, por meio de gotículas de tosse, espirro ou outras secreções, demandou cuidados específicos. As particularidades da doença e a sua acelerada propagação fizeram com que Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), declarasse o estado de pandemia do novo Coronavírus em março de 2020<sup>2</sup>, o gerou uma tomada de atitude de governantes e da população frente à adversa situação.

No período de imunização, com o avanço da vacinação e após posturas de controle do vírus comprovadas cientificamente, como o uso de máscaras e a manutenção do isolamento social, muitos países já encaram uma volta à “normalidade”, como é o caso dos Estados Unidos<sup>3</sup>. Os avanços em alguns locais, todavia, permanecem estagnados, como, por exemplo, o Brasil, que iniciou a vacinação apenas em fevereiro de 2021<sup>4</sup>, acumulando um número de mortes que ultrapassou os 600 mil<sup>5</sup> e índices elevados de

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/as-diferencas-e-semelhancas-entre-o-sars-cov-2-e-outros-coronavirus/>> Acesso em 23 jun. 2021.

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>> Acesso em 23 jun. 2021.

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/eua-dizem-que-vacinados-nao-precisam-mais-de-mascara-nem-de-distanciamento.shtml>> Acesso em 16 jun. 2021.

<sup>4</sup> Até o dia 26 de outubro de 2021, percebe-se que a vacinação tem apresentado avanços e, como já comprovado, tem eficácia e segurança no controle da doença. No momento, aproximadamente 72% da população já recebeu a primeira dose. Informações disponíveis em <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2021/10/26/vacinacao-contra-a-covid-112-milhoes-estao-totalmente-imunizados-153-milhoes-tomaram-a-1a-dose-de-vacinas.ghtml>> Acesso em: 26 out. 2021. Todavia, é notório que o atraso na negociação das vacinas contribuiu para que o número de vítimas chegasse à expressividade apresentada e é importante frisar que, neste trabalho, focalizamos o contexto referente ao período de maio de 2021.

<sup>5</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-ultrapassa-a-marca-de-600-mil-mortes-pela-covid-19-segundo-dados-da-cnn/>> Acesso em 26 out. 2021.

desemprego e inflação<sup>6</sup>, fatores que enquadram o nosso país em uma crise sanitária, social e econômica.

A disseminação do vírus, dessa forma, tem afetado a população brasileira em todas as esferas e, considerando a postura do governo federal frente ao vírus, uma crise política também foi deflagrada. Em meio a declarações polêmicas e sem fundamento científico, o Brasil viu o número de vítimas se acentuar e o da renda econômica despencar, com um governante<sup>7</sup> que escalou o negacionismo para a linha de frente. Nesse contexto, em 13 de abril de 2021, foi criada pelo Senado Federal a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19<sup>8</sup>, com o objetivo de investigar ações, omissões e inércia do governo federal no combate à pandemia. A CPI, com caráter presencial exigido, desde o início de sua implantação, interroga políticos e personalidades que estão envolvidos ou que já se relacionaram com a condução da crise pandêmica<sup>9</sup>.

Durante o processo de inquérito, diversos episódios polêmicos foram apresentados. No entanto, o capítulo de divulgação da recusa de vacinas da Pfizer/Biontech<sup>10</sup> ganhou proporções substanciais, justamente por envolver uma solução que poderia ter ajudado e adiantado o controle da doença no Brasil. A descoberta gira em torno do fato de que a farmacêutica havia proposto ao governo diversas ofertas desde agosto de 2020, em um total de 53 e-mails<sup>11</sup>, que não foram respondidos. O consentimento dessas compras poderia ter possibilitado uma vacinação em massa, o que tornaria o país uma “vitrine” para o mundo sobre a eficiência da imunização, devido ao fato de já

---

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/28/inflacao-e-desemprego-em-alta-tem-penalizado-familias-brasileiras.ghtml>> Acesso em 16 jun 2021.

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.dci.com.br/politica/10-vezes-que-bolsonaro-minimizou-a-pandemia-da-covid-19/104921/>> Acesso em: 16 jun 2021.

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid>> Acesso em: 16 jun. 2021.

<sup>9</sup> Em 27 de outubro de 2021, a CPI encontra-se em momento de encerramento, com a aprovação de um Relatório Final que solicita o indiciamento de 78 pessoas e 2 empresas, incluindo o presidente Jair Bolsonaro, com a atribuição a ele de, pelo menos, 9 crimes. Informações disponíveis em: <<https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/26/cpi-da-covid-aprova-relatorio-atribui-nove-crimes-a-bolsonaro-e-pede-80-indiciamentos.ghtml>> Acesso em: 27 out. 2021.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <https://exame.com/brasil/governo-recusou-seis-propostas-de-vacinas-da-pfizer-veja-quais-foram/> Acesso em: 16 jun. 2021.

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: <[poder360.com.br/coronavirus/governo-federal-deixou-53-e-mails-da-pfizer-sem-resposta-diz-randolfe/](https://poder360.com.br/coronavirus/governo-federal-deixou-53-e-mails-da-pfizer-sem-resposta-diz-randolfe/)> Acesso em 23 jun. 2021.

possuirmos o Programa Nacional de Imunização (PNI)<sup>12</sup>, internacionalmente reconhecido, o que facilitaria todo o processo de distribuição e aplicação das vacinas.

A indignação causada por essa recusa teve impacto global e, por isso, os veículos de comunicação disseminaram o episódio e os detalhes envolvidos, como datas e números. Dessa forma, os veículos midiáticos, que desde o início da pandemia abordam o tema, encontraram na relação política e saúde temas para desenvolverem seus gêneros (notícias, reportagens, editoriais, entre outros). Assim, além de trabalhar com essas temáticas, o gênero charge, que mescla textos verbais e não verbais e atualidades, e que abrange também o humor, serviu de meio para o Discurso Midiático divulgar o caso da Pfizer para o público.

Com efeito, esse trabalho pauta-se no fato de a pandemia ser um evento de proporção mundial e de, no Brasil, encontrar-se em um de seus maiores ápices. Assim sendo, o elo formado entre política, mídia, saúde e humor necessita de atenção, tanto por sua relevância social quanto acadêmica, devido também à pertinência dos estudos do texto e do discurso na análise de temas atuais. Para isso, o nosso trabalho desenvolve-se a partir do episódio da recusa de vacinas da Pfizer, no contexto da CPI da Covid. Analisamos charges publicadas pelo jornal Folha de São Paulo (uma mídia de referência), em maio de 2021, com base principal na Teoria Semiociológica, de Patrick Charaudeau, com o objetivo compreender, além das estratégias discursivas empregadas nas charges, as representações dos atores sociais envolvidos no caso da Pfizer.

## **UM POUCO DE TEORIA: DISCURSO, MÍDIA E CHARGES**

O percurso analítico-metodológico deste trabalho apresenta-se fundamentado na Análise do Discurso, com a Teoria Semiociológica de Patrick Charaudeau em foco. À vista disso, é válido pontuar que Charaudeau (2001) compreende o discurso como um fenômeno da encenação do ato de linguagem, em que um circuito interno, nível do dizer, e um circuito externo, nível do fazer, se relacionam. Nesses circuitos, encontram-se dois sujeitos que, na perspectiva Semiociológica, desdobram-se em quatro, a saber: os seres

---

<sup>12</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/338766/referencia-mundial--conheca-a-historia-do-pni--o-programa-de-imunizacao-brasileiro>> Acesso em: 16 jun. 2021.

sociais, localizados no espaço externo, o sujeito comunicante (EUC), atuando como locutor; e o sujeito interpretante (TUi), receptor, considerados os parceiros no ato de comunicação. Quanto aos seres de palavras, situados no espaço interno, estão o sujeito enunciador (EUe), que assume a enunciação, e o sujeito destinatário (TUd), um receptor ideal preconcebido pelo EUC, considerados protagonistas no ato.

Esses quatro sujeitos encontram-se em uma relação que se baseia em um contrato de comunicação, variável com o gênero textual e tipo de discurso que mobiliza, visto que um ato de linguagem move restrições e estratégias. No contrato de comunicação proposto por Charaudeau (2006), existem os dados internos, características discursivas, e os dados externos, características da situação de troca. Sobre estas, há a divisão em quatro condições por Charaudeau (2006, p. 68-69): condição de identidade (“quem fala a quem?”), condição de finalidade (“estamos aqui para dizer o quê?”), condição de propósito (“do que se trata?”) e condição de dispositivo (“em que ambiente se inscreve?”).

Considerando esses conceitos, um discurso apresenta potencialidades que se desenvolvem a partir dos efeitos de sentido que são almejados pelo sujeito ao produzi-lo. Como já comentado, certas estratégias podem ser mobilizadas, através das visadas discursivas, para que a intenção obtenha sucesso. Charaudeau (2004) lista diferentes visadas, porém, devido ao nosso escopo, nos restringiremos à visada de captação, em função do uso do humor, e à visada de informação, devido ao gênero em questão ser predominantemente divulgado no meio jornalístico. Para Charaudeau (2004, p. 23), a visada de captação pauta-se no “fazer sentir”, com relação aos apelos emocionais, e possível desdobramento em “fazer prazer” (visada de *pathos*). Em contraparte, a visada de informação, ou de “fazer-saber”, característica do discurso midiático, caracteriza-se pelo “eu”, que se encontra como possuidor do saber, em que “eu” quer “fazer saber” e “tu” “dever saber”.

O aporte teórico apresentado através dos conceitos anteriores, em consonância com os referenciais a serem trabalhados em sequência, irão guiar as nossas discussões e análises. Considerando nosso objeto, passemos a uma breve compreensão do Discurso Midiático.

### **Algumas notas sobre o Discurso Midiático**

A máquina midiática, sob o prisma de Charaudeau (2006), apresenta três lugares de construção do sentido que envolvem o lugar das condições de produção, o lugar de construção do produto e o lugar das condições de interpretação. Nesse sentido, o discurso que é divulgado, a instância de produção e a instância de recepção encontram-se em uma relação intrínseca de troca e de dependência. No que concerne à produção, condições socioeconômicas e políticas estão envolvidas, por isso, é necessário “conhecer” o veículo de informação a ser trabalhado.

Charaudeau (2006) pontua que quem informa, uma entidade compósita, busca encontrar o equilíbrio entre duas visadas, considerando a finalidade do contrato de comunicação midiático, a saber: a visada de informação e a visada de captação. Dessa forma, os veículos de comunicação se veem em uma possível contradição:

[...] finalidade de fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir, que deve fazer escolhas estratégicas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização. (CHARAUDEAU, 2006, p. 92)

Tendo em vista o exposto, percebe-se que o contrato de comunicação midiático e os gêneros veiculados por ele apresentam certas restrições e finalidades. Nesse sentido, é preciso que nos aprofundemos no gênero charge para que possamos compreender suas especificidades dentro do Discurso Midiático.

### **O GÊNERO CHARGE E O HUMOR NA MÍDIA**

Para que a análise do corpus possa ser realizada, é preciso que tenhamos algumas considerações acerca do gênero charge. Entende-se que seu surgimento foi na França, conforme pontua Silva (2011), como forma de protesto contra a repressão vivenciada pela imprensa e, desde então, a charge, segundo Pilla e Quadros (2009), é um tipo de humor gráfico fortemente utilizado pelas mídias. Dessa forma, observemos um excerto da definição apresentada por Costa (2008) acerca do gênero:

Trata-se de uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado pela imprensa, que tem por *finalidade satirizar e criticar* algum acontecimento do momento. Focaliza, por meio de caricatura gráfica, com bastante humor, uma ou mais personagens envolvidas no fato político-social que lhe serve de tema. (COSTA, 2008, p. 70, grifo nosso).

Costa (2008), por conseguinte, indica que a charge pode ser um gênero textual multimodal, isto é, pode mobilizar linguagem verbal e não verbal, com forte uso do humor, ao abordar um fator de relevância sociopolítica e, para sua compreensão efetiva, deve-se haver o conhecimento do contexto de publicação e do fato que serviu de base para a sua produção. Em completude à definição de Costa (2008), apresenta-se o conceito de Bidarra e Reis (2013, p. 160), ancorados em Bakhtin (2013), como um gênero “que tem por função primeira provocar o humor e o riso, recursos para atrair o leitor para algo mais sério, revelado pela crítica que o chargista pretende veicular”. Pelo exposto, identifica-se o forte caráter social e político da charge. Além disso, o humor verifica-se presente, na medida em que se manifesta por construções sarcásticas e irônicas.

No que concerne à leitura e interpretação de charges, seja no âmbito cotidiano ou escolar, deve-se ressaltar, conforme destaca Flôres (2002, p. 11), que o discurso veiculado em uma charge “dirige-se a sujeitos socialmente situados, ou seja, a sujeitos já inscritos na ideologia”, isto é, os envolvidos co-constroem o sentido e, assim, “a temperatura ideológica das mensagens é alta [...] Sua leitura é exigente”. Por essas características, é um texto de opinião que pode expor as problemáticas sociais, políticas, ambientais e sanitárias enfrentadas por um país e, por essas razões, a charge exige do leitor um gama de conhecimentos prévios, linguísticos, semiológicos e discursivos. Quanto à particularidade de exprimir opinião, Pilla e Quadros (2009, p. 2) acrescentam que, por esse motivo, “costumam ser tão ricas e densas quanto outros textos opinativos, como crônicas e editoriais, que transmitem um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos”.

Tendo em consideração os aspectos mencionados sobre o gênero charge, pode-se expandir a sua caracterização ao se levar em consideração, segundo Orlandi (2007, p. 102), que “a charge pode funcionar como denúncia social, produzindo sentidos que não estão visíveis, ‘por sofrerem uma política de silenciamento’”, e, portanto, “um furo no

discurso jornalístico onde sentidos outros podem comparecer”. Ademais, sabendo das particularidades semiológicas (principalmente, em relação ao texto imagético) é preciso refletir sobre as particularidades da análise de imagens, posto que os itens não verbais são essenciais na construção da charge.

### **Imagens e seus potenciais discursivos**

Em “Uma introdução à análise de imagem”, Joly (2007) apresenta conceitos basilares sobre a análise de imagens e sua relação com a linguística e a semiótica, além de refletir sobre algumas ideias propostas por Roland Barthes em “Rhétorique de l’image”. Em discussão inicial, Joly (2007, p. 61) considera que “uma imagem constitui sempre uma mensagem para o outro, mesmo quando este outro é o próprio autor da mensagem”, o que nos aponta para a relação entre linguagem não verbal e comunicação. A recepção da imagem, portanto, por um sujeito, demanda que este atenda à expectativa colocada inicialmente na produção visual e, para isso, o contexto deve ser pensado.

Joly (2007) considera que os significantes plásticos, como enquadramento, suporte, cores, composição e formas, e significados icônicos, como os itens imagéticos utilizados, contribuem para a produção de significados. Quanto à interpretação imagética, Joly (2007, p. 127) evidencia que esta “pode ser orientada de modo diferente consoante se encontra ou não relacionada com uma mensagem linguística e consoante a maneira como esta mensagem – se mensagem linguística houver – responde ou não à expectativa do espectador”. Nesse ponto, Joly (2007) retoma Barthes com dois conceitos imprescindíveis para nossa análise, ancoragem e substituição:

A função de âncora consiste em deter essa corrente flutuante do sentido, consequência da inevitável polissemia da imagem, indicando o bom nível de leitura e o que deve ser privilegiado por entre as diferentes interpretações que uma única imagem pode proporcionar. A imprensa oferece exemplos quotidianos desta função de âncora da mensagem linguística, a que chamamos também a legenda da imagem. [...] A função de substituição manifestar-se-ia, por seu lado, quando a mensagem linguística vem complementar as carências expressivas da imagem, tornando-se sua substituta. Com efeito, apesar da riqueza expressiva e comunicativa de uma mensagem puramente visual (como o prova a extensão da nossa análise), há coisas que ela não pode dizer sem o recurso ao verbal. É o caso das indicações precisas de lugar ou de tempo, as indicações de duração, os pensamentos ou as falas das personagens. Recorre-se então a toda a espécie de subterfúgios, tais como imagens estereotipadas

para os lugares (a Torre Eiffel = Paris; o Big Ben = Londres; o Empire State Building = Nova Iorque etc.), ou ao uso de objetos afixados, como calendários ou relógios, para indicar a passagem de tempo. (JOLY, 2007, p. 127-128).

Nessa perspectiva, ancoragem e substituição são duas categorias que nos auxiliam no processo de interpretação da linguagem não verbal presente nas charges, na medida em que, como já pontuado na seção anterior, o aspecto visual é de extrema relevância para que os efeitos de sentidos pretendidos pelo sujeito chargista sejam efetivados. Com essas informações, que subsequentemente serão desenvolvidas e aplicadas, damos continuidade com a seção de análise.

### **O CASO PFIZER NA CPI DA PANDEMIA: EVIDENCIANDO EFEITOS DE SENTIDO NAS CHARGES**

Como apresentado, o corpus é composto por charges veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo. Foram selecionadas duas manchetes, ambas publicadas no mês de maio de 2021 pelo veículo, que apresentam o mesmo contexto geral de produção, o inquérito da CPI da Covid. O episódio, fio condutor das duas imagens, é o escândalo da (não) negociação da vacina da Pfizer/Biontech, já detalhado na seção introdutória do artigo. Apresentamos, em sequência, as duas charges que irão nortear nossas discussões e desenvolveremos a análise.



Fonte: Folha de São Paulo (2021)<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1698603503687449-charges-maio-2021>. Acesso em 15 jun. 2021.

Charge II



Fonte: Folha de São Paulo (2021)<sup>14</sup>

A primeira charge será inicialmente abordada a partir das categorias de sujeitos apresentada por Charaudeau (2001). De maneira marcada, tem-se que o autor da charge é Jean Galvão<sup>15</sup>, ilustrador, desenhista e cartunista, membro colaborador da Folha de S. Paulo desde 2000. Dessa forma, o sujeito-comunicante poderia ser compreendido como compósito, com Jean Galvão e Folha. Complementando os parceiros do ato, o sujeito-interpretante seria toda e qualquer pessoa com acesso à charge publicada pelo portal. No que concerne aos protagonistas, identificamos o sujeito-enunciador como a projeção da ideologia do corpo editorial da Folha, integrantes que compartilham com a crença subentendida na charge de crítica à postura do governo no processo de negociação das vacinas com a Pfizer. Em relação ao sujeito-destinatário, idealizado pela instância de produção, tem-se o público-alvo<sup>16</sup> do jornal, isto é, parte específica da população que consome essas notícias, um leitor que oscila entre as classes B e C (mais de 80% são classe média), homem e com faixa etária entre 35 e 54 anos.

Os sujeitos identificados na charge I e o contrato de comunicação a ser descrito, podem ser estabelecidos para ambas, com exceção do sujeito-comunicante, posto que, na segunda charge não há identificação explícita do cartunista, mas, ainda assim, tem-se a

<sup>14</sup> Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1698603503687449-charges-maio-2021>. Acesso em 15 jun. 2021.

<sup>15</sup> Informações disponíveis em: <https://br.linkedin.com/in/jeangalvao>. Acesso em 16 jun. 2021.

<sup>16</sup> Informações disponíveis em: [http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil\\_do\\_leitor.shtml](http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml). Acesso em: 16 jun. 2021.

presença da Folha na instância compósita. Com a condição de identidade já trabalhada, percebe-se que a condição de propósito, isto é, a temática, perpassa a CPI da COVID e a polêmica dos e-mails ignorados da Pfizer que estoura em meio à maior crise sanitária desde o início da pandemia. O suporte de veiculação das charges, na condição de dispositivo, é a Folha de S. Paulo, mais precisamente sua versão digital, em [folha.uol.br](http://folha.uol.br), na seção “Opinião”, no subitem “Charges”.

A condição de finalidade perpassa o domínio do Discurso Midiático, devido ao fato de a charge ser um gênero jornalístico. Segundo Charaudeau (2006), esse tipo de discurso flutua entre duas visadas, a visada de informação, “fazer saber”, que perpassa o desafio da credibilidade, e a visada de captação, “fazer sentir”, ou de “*pathos*”, que atravessa o desafio da dramatização e se encontra em uma lógica comercial, pois a mídia possui a necessidade de informar o cidadão, mas também busca alcançar o maior número de consumidores. O conteúdo das charges nos induz à predominância da visada de *pathos*, desdobrada em fazer-rir, considerando a presença do humor na composição da charge e a ausência de certas informações factuais, como dados, estatísticas e citações que caracterizam a visada de fazer-saber.

Na perspectiva de Vale (2013, p. 160), o humor desenvolve-se a partir de relações interdiscursivas e é capaz de mobilizar determinados gêneros, e, nas charges, o discurso não sério opõe-se ao discurso sério, sendo o segundo a autoridade adquirida pelo discurso e o primeiro, o “argumento de autoridade pelo avesso”. Ademais, Vale (2013, p. 2004) destaca a presença, no Discurso Humorístico, de “relativa dependência com outros discursos”, nesse caso, com o Discurso Midiático e com o Discurso Político. Essa particularidade relaciona-se com o desenvolvimento do mutualismo oportunista no Discurso Humorístico, na medida em que absorve e (re)utiliza substância e forma, além de também “replicar uma gama de propriedades estruturais relativas às cenas de enunciação” (VALE, 2013, p. 152).

Considerando o aporte teórico de Joly (2007), alicerçada em Barthes, analisemos as duas charges separadamente. A charge 1 apresenta como texto verbal uma marcação de data “Março, 2020” e o texto “Email da Pfizer”. A data está relacionada com o início da disseminação da Covid-19 no Brasil, e a disposição da linguagem não verbal nos remete à tela inicial de um computador, com ícones de pasta, de lixeira, e a presença de

uma personagem que, pelas particularidades da caricatura (expressões, sobrancelhas grossas e olhos verdes), é Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil. Dessa forma, significantes plásticos e icônicos contribuem para a construção dos significados, em uma relação de ancoragem, como coloca Joly (2007). Com a compreensão dessa charge, subentende-se que Bolsonaro, em meio a uma crise pandêmica, desconsiderou e-mails (referência do lixo na imagem) de uma potencial produtora de vacinas que poderia diminuir drasticamente os impactos negativos da doença no país, tanto quanto à vida quanto à economia.

Na charge II, os itens verbais destacam-se e estão representados por balões que se ligam à personagem. Nos balões, temos as seguintes falas atribuídas à pessoa: “Não recebemos a carta da Pfizer”, “Recebemos a carta. Mas deu vírus no sistema”, “O meu cão comeu a carta”, “Eu comi a carta” e “Eu amo o mito”. As sentenças, além de necessitarem de um conhecimento contextual para a interpretação, precisam estar relacionadas à personagem retratada e é possível identificar um processo de gradação de enunciados cada vez menos lógicos. Em similitude à charge anterior, identificamos a representação de Eduardo Pazuello<sup>17</sup>, general do Exército e ex-ministro da saúde, com uma gestão que se iniciou em maio de 2020, após a demissão de dois anteriores ministros em um curto intervalo de tempo, e que teve fim em março de 2021.

Em um contexto que nos remete à entrevista e inquéritos como a CPI da Covid-19, pelo uso de terno e máscara, temos a marcante presença de gotículas de suor que indiciam o nervosismo ao ser interrogado e as falas que fazem alusão à postura do ex-ministro frente ao combate da pandemia, em uma posição de negacionismo e idolatria ao presidente, identificada nas falas pelo uso da expressão “mito”, como Bolsonaro é comumente chamado por seus seguidores. Nesse caso, aspectos verbais e visuais se relacionam e podemos identificar a presença da substituição, pois para o entendimento completo da charge é preciso que nos apoiemos nas informações linguísticas e extralinguísticas.

---

<sup>17</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/15/A-gest%C3%A3o-de-Pazuello-no-Minist%C3%A9rio-da-Sa%C3%BAde-em-4-eixos>> Acesso em: 23 jun. 2021.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 aflorou no Brasil uma crise social, econômica e sanitária, até então sem precedentes, intensificada por uma crise política devido a uma gestão negacionista no combate às dificuldades enfrentadas pelo país. Dessa forma, os veículos midiáticos compreenderam a necessidade de abordar e disseminar as informações de cunho científico de maneira a orientar a população sobre os reais acontecimentos e sobre quais atitudes, em um nível individual, poderiam ser tomadas, com forte embasamento científico. Com um luto e tristeza coletivos por todas as perdas, humanas e econômicas, o humor pode ser tido como uma estratégia e válvula de escape para lidar com as adversidades. Nessa perspectiva, Slavutsky (2014, p. 4) destaca que “quem ri coloca-se por um momento à distância do que o aflige e também ‘acima’ da ameaça”.

Dessa forma, o gênero charge, capaz de aliar informação e entretenimento, obtém destaque ao refletir criticamente sobre os mais atuais episódios vivenciados pelos brasileiros, principalmente na esfera política. Aliado a essas características, o uso do humor, permeia as críticas, que são tecidas de forma a tornar menos penoso o período em que nos encontramos, com uma perspectiva diferente daquela tradicional veiculada em outros gêneros jornalísticos, como a notícia e a reportagem, que possuem como finalidade principal informar.

Tendo em vista o exposto, depreende-se a importância das funções social e jornalística da charge, na medida em que, ancorada na visada de *pathos* ao oportunizar o “fazer-rir”, também informa, visto que solicita dos leitores conhecimento prévio acerca da temática abordada. Assim, permite a efetuação de crítica com tom sarcástico, crítico e humorístico, ao mesmo tempo em que aborda importantes e preocupantes temáticas e fatos sociopolíticos, em um país que há tanto e, principalmente agora, enfrenta uma grave crise em todos os âmbitos.

## REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.  
CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: LARA, Gláucia Muniz Proença, MACHADO, Ida Lucia e EMEDIATO, Wander. Trad. Wander Emediato (orgs). *Análises do discurso hoje*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.) *Gêneros: Reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. Cap.1, p. 13-42.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 70-72.

FLÔRES, O. *A leitura da charge*. Canoas: Ulbra, 2002. p. 1-15.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Papirus editora, 1996. p. 60-130.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp. 2007. p. 100-110.

PILLA, A; DE QUADROS, B. C. Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa. In: *Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação*. 3.3 (2010): 226-239.

SILVA, Al. A. P. *A formação discursiva através de charges*. Disponível em: [http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/88\\_Alessandra\\_Silva.pdf](http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/88_Alessandra_Silva.pdf). Acesso em 15 jun 2021.

SLAVUTZKY, A. *Humor é coisa séria*. Arquipélago Editorial Ltda, 2017. p. 1-7.

VALE, R. P. G. *O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso*. 2013. 279f. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, POSLIN, UFMG, Belo Horizonte.